

EM FOCO

APRESENTAÇÃO:
DRAMATURGIA EM SEU
CAMPO EXPANDIDO

MELINA SCIALOM

SCIALOM, Melina.
Apresentação: Dramaturgia em seu campo expandido.
Repertório, Salvador, ano 24, n. 36, p. **8-13**, 2021.1

DOI: <https://doi.org/10.9771/rr.v1i36.44617>

O PANORAMA CONTEMPORÂNEO de práticas artísticas vem permitindo que conceitos seculares sejam revisados perante o fazer cênico de hoje. Este é o caso do conceito de Dramaturgia. De acordo com José Sánchez e Magda Romanska, a dramaturgia enquanto substantivo e enquanto verbo vem sendo desenvolvida para além do fazer teatral textual para ser vista como um espaço de mediação que traz questionamentos ao fazer cênico, antecedendo ou estando para além do texto teatral. Considerando a produção cada vez maior de atividades e processos artísticos que dialogam e trazem nova práxis para o conceito de dramaturgia, esse dossiê – Dramaturgias em seu Campo Expandido – da revista *Repertório* busca revelar os trabalhos de artistas e pesquisadores brasileiros que vêm trazendo perspectivas inovadoras para o conceito e prática para além dos paradigmas tradicionais. Estes trabalhos estabelecem diálogos com o conceito de dramaturgia que vai além da identificação do termo relacionado a ideia de drama ou composição de textos/literatura teatral ou mesmo da figura do dramaturgo como sendo autor da obra, se aproximando de uma prática onde dramaturgia opera como uma atenção, uma sensibilidade, um recurso no e do processo criativo ou até para além dos limites da cena. O conjunto de artigos revela a dramaturgia em seu campo expandido evidenciando a rede de tensões entre tradição e contemporaneidade do e no fazer cênico através de experiências artísticas diversas.

Nos artigos são evidenciadas práticas, experimentos e olhares críticos sobre a dramaturgia que fazem parte da criação e pensamento das artes cênicas de hoje. Através de uma chamada, recebemos 37 artigos que traziam perspectivas,

abordagens e investigações genuinamente diferentes e autorais. Apesar de todos estes trabalhos não terem chegado na configuração final deste dossiê – tendo inclusive diversos textos transbordado para o próximo número da revista –, a quantidade de trabalhos recebidos evidencia que no Brasil há um número substancial de pesquisadores que trabalham com a dramaturgia para além de sua acepção tradicional vinda de uma herança ligada à literatura teatral, escrita e organização cênica. São trabalhos de artistas-pesquisadores que têm contribuído para estabelecer novas perspectivas sobre a prática dramatúrgica ligadas a corporeidades, novas ecologias, experimentalismo, processos de criação para além do espaço e literaturas teatrais ou que dialoguem com diferentes mídias e linguagens cênicas. Isso significa que ao pensar e trabalhar com dramaturgia na contemporaneidade, não é possível continuarmos fixados em perspectivas datadas dos significados e acepções do termo. É preciso olhar para o fazer/pensar contemporâneo e como este é um campo fértil para o movimento da dramaturgia. Este dossiê contribui para agitar o campo trazendo uma mostra de fazeres artísticos e pesquisas contemporâneas que desafiam os limites daquilo que o senso comum tem como dramaturgia e aproximam o termo dos fazeres e pensares cênicos contemporâneos de uma cena híbrida e descentrada que constantemente transborda seus próprios paradigmas.

Ordenamos os artigos deste dossiê partindo das considerações mais radicais acerca do termo dramaturgia, para finalizar com perspectivas expandidas de dramaturgia no fazer teatral. Os cinco primeiros artigos trazem propostas que associam a palavra e o termo dramaturgia com experiências, práticas e elementos que atravessam espetáculos e fazeres cênicos, incluindo elementos como a paisagem, o ritmo, o côccix e a subjetividade como organizadores da espetacularidade. Assim, Christine Greiner e Beatriz Yumi Aoki, no artigo “*Transdramaturgias nas artes do corpo no Japão*”, buscam ampliar o debate da dramaturgia na contemporaneidade nos apresentando o termo *transdramaturgia* na tentativa de propor um olhar não dicotômico que evidencia que o processo dramatúrgico tem início antes da organização de gestos e cenas. Olhando para todo o percurso de preparação (dos artistas), subjetivação e criação, a não dualidade presente nas práticas orientais sugere uma dramaturgia que é cultivada junto ao processo de criação, sendo uma possível estratégia epistemológica para lidar com culturas cujo paradigma de concepção corporal não é cartesiana.

Acreditando que a dramaturgia é sempre necessariamente “In-Ex-corporada”, Alba Pedreira Vieira e Karen Bond articulam o termo “Dramaturgia do Cócix” e os três pilares que configuram essa perspectiva em seu artigo “Dramaturgia do Cócix na Videoperformance ‘Ábar’” O termo surgiu da experiência performativa da obra de videoperformance e sua análise fenomenológica. Esse termo reflete uma proposta dramátúrgica em constante construção e suscetível ao acaso, ao desconhecido e aos erros que emergem nas relações entre o corpo e outros seres. Já Christiane Lopes da Cunha e André Luís Gardel Barbosa apresentam a proposta de uma dramaturgia do ritmo, na qual esse é o elemento primordial nas relações entre os componentes da criação. Através de uma perspectiva transdisciplinar que atua no campo poético entre a dança, o desenho, a arte sonora e a cenografia digital, a dramaturgia, vista como o fluxo interno de um sistema dinâmico, atua sobre o corpo que dança em meio às forças geradas no encontro vibracional do ritmo sonoro com o ritmo motriz – na zona de contato com cosmologias animistas africanas, afro-americanas e afro-ameríndias brasileiras.

“A paisagem como rede de dramaturgias” é a proposta de Francis Wilker Carvalho que implica em considerar aquilo que está no espaço como uma espécie de texto impregnado de múltiplos aspectos – culturais, sociais, naturais, morfológicos, estéticos, políticos. A partir da discussão de autores que tecem olhares antropológicos e poéticos sobre a paisagem e como esta modifica o espaço, o autor sugere que a paisagem seja considerada como uma espécie de texto em permanente movimento e transformação.

Quando nos voltamos para o fazer cênico teatral, a dramaturgia se revela como uma gama de possibilidades dentro e fora da cena. Mergulhando no termo “teatroestendido” e no processo criativo do espetáculo *Escorpião* o dramaturgista do espetáculo Djalma Thürler e o ator Duda Woyda propõem olhar para o termo pelo viés da cena expandida através dos vetores do espectador emancipado, da teatralidade e da interdisciplinaridade revelando uma implosão de fronteiras entre o real e o ficcional, entre o teatro e a política, potencializando o fazer teatral e reconfigurando a experiência do sensível. Os autores reforçam que para entender a singularidade desse movimento do teatro contemporâneo, é preciso fazê-lo de forma dialógica, com outros campos do conhecimento.

Em “Pra frente o pior: corpo e dramaturgia em negociação”, Thereza Rocha e Andrei Bessa Siqueira Campos trazem o termo dramaturgia da negociação para abarcar o processo de criação do espetáculo *Pra Frente o Pior* da companhia Cearense Inquieta Cia. Em um texto composto do diálogo entre a dramaturgista do espetáculo e um dos performers-criadores, os autores desenvolvem uma análise que combina informações da pesquisa dramaturgica associada à experiência do estar em cena. Os autores observam como os seis performers-criadores do espetáculo se multiplicam na cena-não-cena do trabalho e negociam dramaturgia através daquilo que nomeiam como ação inoperante.

Quando a dramaturgia é vista pelo olhar dos atuentes, a prática dramaturgica é revelada enquanto verbo e se torna parte da criação dos performers. Esse é o caso do artigo “Dramaturgia da experiência: corpo, autobiografia e feminismos na criação de *No Te Pongas Flamenca!*” Através do processo de criação do espetáculo *No Te Pongas Flamenca!*, Juliana de Freitas Kersting e Patrícia Fagundes trazem uma dramaturgia da experiência feita de subjetividade, memória, desejo, processo, encontros e desencontros. Em intersecções entre teoria e prática artística, corpo e conceito, o próprio fazer cênico/dramaturgico é experiência que tece narrativas no mundo e no espetáculo. Já Rodrigo Pociônio e Matteo Bonfitto apontam para uma dramaturgia que parte da experiência cênica dos atuentes. Os autores e atores do espetáculo *Fim de Partida* trazem o processo criativo a partir de suas experiências como sendo geradoras de campos dramaturgicos, que envolvem, além da fricção entre o texto de Samuel Beckett e a encenação de Yoshi Oida, também o escancaramento de múltiplos jogos de representação.

Os últimos dois artigos desse dossiê olham para questões já (re)conhecidas da dramaturgia teatral, porém, sugerem inversões ao já conhecido. Ao investigar o *Patolicismo* (em contraponto ao catolicismo), obra artística criada e executada pelo bufão franco-italiano Leo Bassi, Andre Luiz Rodrigues Ferreira encontra a possibilidade de dramaturgias expandidas, atravessadas por noções como carnavalização, rebaixamento, inversão de hierarquias e afirmação de potências vitais. Para o autor, a igreja Católica produz uma dramaturgia em caráter ampliado, criando limites tênues e deslocamentos de sentidos entre a seriedade e o cômico. Suzi Frankl Sperber e Juliano Ricci Jacopini trazem em seu artigo “Autoficção interstícios libertários da dramaturgia” um ensaio de sobre a autoficção como

uma experiência dramatúrgica que opera em um diálogo entre a perspectiva de teatro horizontal, a teoria da pulsão de ficção e postulados sobre dramaturgia em campo expandido, enxergando essa expansão como uma possibilidade de trabalho sobre si mesmo nas criações contemporâneas.

Por fim, na sessão *Persona*, esse dossiê conta com um artigo-entrevista com a dançarina e dramaturga da dança canadense Angélique Willkie. O artigo do grupo de pesquisa *Dramaturgical Ecologies* (Ecologias Dramatúrgicas) do *Performing Arts Research Cluster* (Grupo de Pesquisa das Artes Performativas) da Concordia University (Universidade de Concordia) apresenta um trabalho dialógico em que os pesquisadores participantes do grupo conversam com Willkie a respeito do processo criativo do espetáculo – *Confession Publique* – onde ela atua como solista e também dramaturga da obra. Esta conversa apresenta reflexões e conceituações (a partir da experiência) sobre a fusão dos papéis de performer e dramaturga de um espetáculo de dança.

É a partir desse terreno diverso e fértil que convidamos os leitores a mergulharem no universo da dramaturgia em seu campo expandido e entrarem em contato com os experimentos, pesquisas e fazeres cênicos que vêm desafiando as fronteiras paradigmáticas e conceituais do termo no século XXI. Esperamos que esse dossiê contribua tanto para os fazeres quanto para as pesquisas e pedagogias das artes cênicas, oferecendo pistas para processos criativos e formativos nas artes da cena.

MELINA SCIALOM: é performer, dramaturga e pesquisadora das artes do corpo e da cena. Atualmente é pesquisadora visitante do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, UFBA, e co-diretora artística do Núcleo Maya-Lila (desde 2005). É pós-doutora pelo Programa de Pós Graduação em Artes da Cena, UNICAMP, Doutora em Dança pela University of Roehampton, Mestre em Artes Cênicas pela UFBA, Bacharel e Licenciada em Dança pela UNICAMP. FAPESP n. 2016/08669-5, 2019/18875-0 e CAPES n. 88887.569909/2020-00.